

JOÃO MARCELO SENA

JOÃO MARCELO SENA



O TAMANHO DA RESPOSTA DE ISRAEL

Uma das principais questões que surgem após a ofensiva terrorista do Hamas no último fim de semana é tentar projetar como Israel vai reagir. Entre os milhares de mortos, de reféns e de desaparecidos há uma perspectiva trágica dentro de algo com grande dimensão histórica.

Israel não era alvo de um ataque inesperado dessa magnitude desde outubro de 1973, quando estourou a Guerra do Yom Kippur. A partir deste episódio, que teve o choque do petróleo como uma das consequências diretas, a relação e a visão do mundo para o Oriente Médio mudariam para sempre.

Ainda em meio ao transcorrer das ações, no calor do momento, qualquer projeção em relação aos efeitos do atentado Hamas corre alto risco de se mostrar uma farsa. Para os principais atores globais, o cenário é de muita imprevisibilidade. EUA, China e Rússia deram declarações que obedeceram ao roteiro de seus principais interesses, mas que prezaram, sobretudo, pela cautela.

A guerra declarada joga um balde de água fria nos interesses de Joe Biden em colocar os EUA como arquiteto de um acordo triplo com Israel e Arábia Saudita um ano antes da eleição para a Casa Branca. O entendimento serviria como freio contra o Irã, inimigo dos três.

As digitais do regime de Teerã têm se mostrado cada vez mais evidentes nos atentados do Hamas e há o temor das tensões escalonarem em outro front contra Israel pelo Líbano via Hezbollah, grupo xita apoiado pelo Irã.

É certo afirmar, porém, o quanto o Hamas surpreendeu pelos ataques e pelo nível de coordenação estratégica de um grupo que, nos últimos anos, pareceu desarticulado em meio ao bloqueio de Israel e do Egito à Gaza. Foi uma operação com consideráveis níveis de sofisticação e volume de armamento contra um Estado altamente militarizado, mas que se mostrou com uma defesa espantosamente frágil para evitar o ataque.

Mesmo assim, pouco se duvida da capacidade de Israel se sobrepor ao Hamas do ponto de vista militar. Mas o grupo extremista sabe que conseguiu ferir literalmente e simbolicamente o inimigo e vai lutar com duas estratégias. A primeira, a curto prazo, ameaçando matar reféns caso Israel siga com os bombardeios a Gaza. A segunda, a médio prazo, apontando que haja um banho de sangue e uma inversão da narrativa.

A proporcionalidade da resposta será um ponto central na história a ser contada daqui pra frente. Se o talitão de Israel for promover um massacre, o fará, mas ajudará o Hamas na prevalência da visão de que os palestinos são oprimidos por um estado genocida e etnocida.

E aqui vale um aparte. O atual governo Netanyahu, o mais extremista à direita da história de Israel, e aqueles que o antecederam nos últimos 30 anos, fizeram todo o esforço possível para fazer jus a essa fama, com políticas violentas de invasão por meio dos assentamentos de colonos, expulsando e matando palestinos na Cisjordânia.

MOHAMMED ABED / AFP



ISRAEL impôs um cerco total enquanto continua bombardeando a Faixa de Gaza

O CAMPO MINADO DAS VISÕES

A teoria realista das Relações Internacionais busca explicar a geopolítica com a crença que da tem, em contraponto à escola liberal clássica, a qual fornece uma visão do mundo como ele deveria ser. No realismo, não existe inocência. Existe interesse e guerra, se necessário, por sobrevivência.

É sempre bom lembrar. Defender a existência do Estado palestino não significa concordar com o terrorismo praticado pelo Hamas. E entender Israel como estado agredido no último fim de semana é diferente de avaliar décadas de violência praticada pelo estado judeu na Cisjordânia e em Gaza contra os palestinos.



Aponte a câmera do celular e acesse mais notas exclusivas de João Marcelo Sena.

Aviões da FAB partem rumo a Israel para resgate de 1,7 mil brasileiros

é de turistas que estão hospedados em Tel Aviv e Jerusalém. Conflito Hamas-Israel chega ao 3º dia com 1,5 mil mortos

O segundo avião da Força Aérea Brasileira (FAB) enviado pelo governo a Israel já deixou a Base Aérea de Brasília. Esse é o segundo dos seis aviões que serão utilizados para repatriar cidadãos brasileiros que tentam sair da Palestina ou de Israel devido ao conflito iniciado no último fim de semana. O KC-39 decolou às 10h30 rumo à cidade de Roma, na Itália. De lá, ele seguirá para Tel Aviv, em Israel. Pelo menos 1,7 mil brasileiros já procuraram a embaixada do Brasil em Tel Aviv em busca de ajuda para deixar Israel.

O primeiro, um Airbus A350-900 convertido em um KC-39, com capacidade para 250 passageiros, deixou o Brasil na tarde do domingo (9) e já está na capital italiana. Sua primeira parada deve ocorrer em direção a Tel Aviv nesta terça-feira (11).

O Itamaraty estima que ao menos 30 brasileiros vivem na Faixa de Gaza e outros 60 em Assafit e em localidades na zona de conflito. Já em Israel, a embaixada brasileira já tinha reunido, até este domingo, informações de cerca de 1 mil brasileiros hospedados em Tel Aviv e em Jerusalém interessados em voltar ao Brasil. A maioria é de turistas que estão em Israel.

Os brasileiros candidatos à repatriação serão distribuídos por grupos, em voos que acontecerão em datas que ainda serão definidas. Inicialmente, o Itamaraty vai priorizar o traslado dos residentes no Brasil que ainda não têm passagem aérea para regressar ao país.

O Itamaraty estima que cerca de 1,1 mil brasileiros vivem em Israel e outros seis mil moram na Palestina. Além disso, muitos turistas visitam a região, principalmente para conhecer locais considerados sagrados e participar de eventos.

O movimento islâmico palestino Hamas ameaçou nesta segunda, 9, executar os 150 reféns capturados no sábado, primeiro dia de sua inédita ofensiva contra Israel, se o Estado judeu mantiver seus bombardeios contra a Faixa de Gaza.

A ameaça do Hamas, que controla o empobrecido enclave desde 2007, ocorre após Israel

MOHAMMED ABED / AFP



O TOTAL de mortes no conflito entre Israel e Hamas ultrapassa os milhares, segundo as autoridades

ordenar o "cerco total" deste território de 360 km² onde vivem mais de 2 milhões de palestinos.

As tensões também escalaram na fronteira norte de Israel, com o Líbano, onde militantes do Hezbollah trocaram disparos com as forças israelenses pelo segundo dia.

O Hamas lançou no sábado uma ofensiva surpresa contra Israel, que compara o ataque aos atentados de 7 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Desde então, mais de 800 pessoas perderam a vida do lado israelense e mais de 2.600 ficaram feridas, segundo as autoridades. Milicianos do Hamas mataram até 250 pessoas que participavam de um festival de música perto do enclave palestino, de acordo com a ONG Zaka.

Do lado palestino, 687 pessoas morreram pelos bombardeios israelenses e 2.900 ficaram feridas, inden o último balanço das autoridades locais.

O Exército israelense anunciou nesta segunda que retornou o "controle" das localidades do sul infiltradas pelas milícias do Hamas, embora admita que ainda "poderia haver terroristas na área". (AFP e Agência Brasil)

Leia mais na página 10

Contra Israel EUA adverte Hezbollah para não abrir novo front

O movimento pró-iraniano libanês Hezbollah não deveria tomar a "decisão errada" de abrir um segundo front contra Israel, após o ataque do movimento islâmico palestino Hamas, advertiu nesta segunda, 9, um alto funcionário de defesa dos Estados Unidos.

"Estamos profundamente preocupados de que o Hezbollah tome uma decisão errada e opte por abrir um segundo front neste conflito", que começou no sábado com um ataque lançado pelo Hamas a partir da Faixa de Gaza, disse o funcionário aos jornalistas.

A ordem de desligar o grupo aeronaval do porta-aviões "USS Gerald Ford", o maior navio de guerra do mundo, no Mediterrâneo oriental, mostra aos grupos armados apoiados pelo Irã, como o Hezbollah libanês, que não deveriam "dividir o compromisso dos Estados Unidos em apoiar a defesa de Israel", assegurou a fonte.

O Hezbollah anunciou que três de seus combatentes morreram nesta segunda-feira, atingidos por ataques israelenses em uma área fronteiriça no sul do Líbano.

O grupo libanês afirmou ter bombardeado, em retaliação, dois quartéis israelenses. Israel bombardeou essa área depois de anunciar que havia matado "vários suspeitos armados" que se infiltraram em seu território a partir do sul do Líbano. Essas infiltrações foram reivindicadas pela Jihad Islâmica Palestina, que afirma apoiar o Hamas em sua ofensiva.

Em Washington, o funcionário dos Estados Unidos considerou que os ataques do Hamas estão "no mesmo nível de barbárie" que os do grupo jihadista Estado Islâmico (EI). A última guerra entre o Hezbollah e Israel ocorreu em 2006 e deixou mais de 2.000 mortos no lado libanês, a maioria civis, e 60 no lado israelense, quase todos militares. (AFP)

ESTADO DO CEARÁ - PREFEITURA MUNICIPAL DE IBARAETAMA - OFFICINAS LIGANDAS ADMINISTRATIVAS E AFINS DA LICITAÇÃO Nº 001/2023... (Legal notice text)



EUA
Os EUA não têm nenhuma intenção de enviar tropas ao terreno, após o ataque do movimento islâmico palestino Hamas a Israel. Informou o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca.